

A Classe Operária



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ANO 65 — VI FASE — Nº 23 — DE 13 A 26 DE JULHO DE 1989

SUPLEMENTO

ESPECIAL

Entrevista com Lula, candidato da Frente Brasil Popular a presidente da República

Alberto William



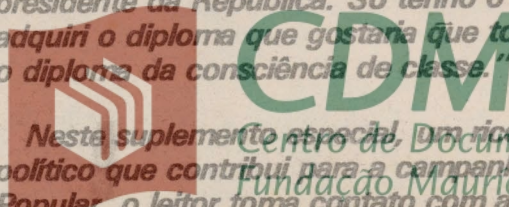
“VAMOS ÀS RUAS”

Entrevista a José Reinaldo Carvalho e Umberto Martins

Discursando na Convenção Nacional do PCdoB dia 8 último, em São Paulo, João Amazonas declarou que “Lula disse coisas que vêm do coração, sinceras”. Foi com a mesma espontaneidade, espírito fraterno e franqueza, que o candidato da Frente Brasil Popular à Presidência da República recebeu durante uma hora e meia a reportagem da Classe no último dia 11, interrompendo compromissos de uma agenda superlotada. No calor da luta o povo vai conhecendo não só o líder operário e popular, mas também um homem simples. “Em 1952, minha mãe teve de deixar seu pedacinho de terra quando eu tinha sete anos de idade. E veio viver no ‘sul maravilha’ com oito

barriguinhas de lombriga, escapando da seca. Eu nunca pensei em ser dirigente político, nunca sonhei em ser candidato a presidente da República. Só tenho o 4.º ano primário, mas adquiri o diploma que gostaria que todo trabalhador tivesse — o diploma da consciência de classe.”

Neste suplemento especial, um rico material editorial e político que contribui para a campanha da Frente Brasil Popular, o leitor toma contato com as ideias políticas de Lula e suas opiniões sobre as possibilidades eleitorais e o processo de consolidação da unidade das esquerdas.



"A escolha de Bisol foi grande sacada"

A Classe — Como você avalia o período de sua campanha iniciada em janeiro e que resultou na formação da Frente Brasil Popular, na aprovação do programa de 13 pontos e da chapa Lula-Bisol?

Lula — Vivemos um primeiro momento muito importante que foi aquele em que fizemos contatos para a formação da Frente Brasil Popular. Depois, tivemos um segundo momento extraordinário, que foi aquele em que viajamos por alguns Estados mantendo relações com o movimento popular e sindical, fazendo debates em universidades, tentando juntar as forças políticas vivas de cada Estado em torno da Frente Brasil Popular. E tivemos um terceiro instante da campanha que foi a discussão a respeito da escolha do candidato a vice-presidente. A escolha do candidato a vice teve, por sua vez, dois momentos. O primeiro consistiu em mostrar à sociedade brasileira que a nossa democracia não pressupõe tirar um nome do bolso do colete, como se a escolha do candidato a vice fosse algo pessoal do candidato a presidente. Nós passamos para a sociedade a idéia de que o candidato a vice era algo importante e que esse candidato deveria ser escolhido em consenso pelas forças políticas que compõem a frente. No segundo momento, em função da demora, penso que sofremos um certo desgaste. Transmitimos à sociedade a impressão de uma discussão exagerada para a escolha do nome. Mas o conjunto do processo é satisfatório. A primeira fase da campanha foi importante. Já visitei 14 Estados nesse início de campanha. Em toda a minha vida de militante político jamais tive o contato que tive agora com o movimento sindical e popular organizado. Agora é que esse pessoal está se preparando para entrar na campanha, agora que está tomando fôlego para entrar na luta diária de uma campanha como a nossa necessita. Acho, enfim, que na primeira fase da campanha colhemos os êxitos necessários. Estamos dando uma demonstração de que é possível a esquerda se unir. Basta para isso que os dirigentes sejam maduros, que ninguém tente prevalecer, ninguém queira ter hegemonia e que cada força política respeite a identidade da outra. Se nós não tivermos a idéia do absolutismo, nós poderemos dar um exemplo histórico fantástico neste país não apenas para as eleições, mas para o processo de luta que se trava hoje no movimento social, para as questões do movimento sindical e para a luta popular que é a coisa mais rica que temos em nosso país. Por isso, eu estou tranquilo,

satisfeito com a primeira fase da campanha.

A Classe — Qual a sua opinião sobre a personalidade política de Bisol? O que ele representa para sua campanha?

Lula — Eu tive a oportunidade de conhecer o Bisol durante dois anos na Constituinte. Logicamente que para um leigo em política, quando você apresenta uma pessoa que ainda não é conhecida da grande massa, parece um pouco estranho. Mas o que eu acho importante é que o Bisol vai poder demonstrar a conquista do espaço que temos, a grandeza que motivou a escolha do seu nome como candidato a vice-presidente. Ele é um homem de extraordinária cultura, um homem moderno do ponto de vista da defesa dos interesses da grande sociedade e dos interesses das minorias. Além disso, ele foi um constituinte nota 10, um companheiro que em nenhum momento, qualquer que fosse o tema, deixou de votar junto com as esquerdas. Este é um dado extraordinário e que o credencia junto às esquerdas para ser candidato a vice na nossa chapa. Acho que escolhemos bem, não concordo com a idéia de que o escolhemos vetando o Gabeira. A escolha se deu não em função de veto, mas da necessidade de priorizar a frente, de manter a frente. Acho que o companheiro Bisol vai ser uma surpresa eleitoral. A partir de agora, ele vai começar a visitar as portas de fábricas conosco, vai às ruas, às passeatas, aos comícios e nessas atividades ele vai empolgar não apenas a militância, mas o povo em toda a cidade que comparecer. Ele é um excelente orador, uma pessoa altamente competente no uso da palavra e vai ajudar muito. Acho, enfim, que a escolha de Bisol foi uma grande sacada, uma grande saída. Foi o que poderia ter acontecido de melhor para a manutenção da frente.

A Classe — Como você analisa sua atual situação nas pesquisas?

Lula — Eu estou muito à vontade para falar de pesquisas porque o que vou dizer agora é o que eu disse quando apareci com 20% no começo do ano. Embora eu respeite o valor científico de algumas pesquisas, eu não as levo a sério, porque acho que podemos mudá-las em uma semana, 15 dias, um mês. Eu tenho alguns exemplos. As pessoas ficam buscando exemplos da disputa do Brizola com a Sandra Cavalcante em 1982. Eu prefiro recorrer a exemplos atuais, como o do Artur Virgílio, em Manaus, que seis dias antes das eleições tinha 18% contra 72% do Gilberto Mestrinho. E

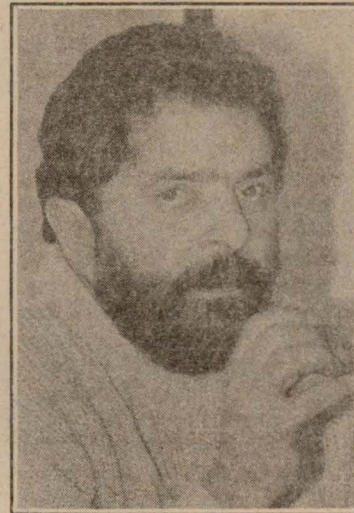
ganhou as eleições. Há os exemplos da Luiza Erundina, em São Paulo; do Jacob Bittar, em Campinas etc. Então, eu acho que nós temos condições de virar as pesquisas. O que nós temos de fazer neste instante é compreender duas coisas: o povo reage de acordo com a quantidade de propaganda que vê, de informações que recebe. E estamos cansados de saber que as informações sobre nós são pequenas em comparação com as informações sobre os outros candidatos. Não temos condições de fazer 10% da propaganda que os outros estão fazendo. Mas na hora que a nossa militância for às ruas, teremos condições de competir, pois nenhum dos outros candidatos tem condições de colocar nas ruas o número de militantes que iremos colocar. Daí porque estou tranquilo quanto à possibilidade de virar essas pesquisas. As pesquisas precisam ser encaradas como uma necessidade de avaliação por parte da Frente Brasil Popular. Não podemos fingir que elas não existem e que no momento estão demonstrando uma queda substancial na nossa performance eleitoral. Acho que são duas as causas disso: a antipropaganda feita contra as greves e a antipropaganda feita contra as administrações das esquerdas nos mais diferentes Estados. E nós nos encolhemos um pouco. Nós temos é de partir para a ofensiva. Não poderemos aceitar pacificamente, por exemplo, as críticas que se fazem à Luiza Erundina, de que São Paulo está pior sob a administração dela. Muito pelo contrário. Temos de mostrar a diferença entre nossas administrações e as anteriores. E partir para explicar ao povo que existe uma campanha pre-determinada a provar que as esquerdas não têm capacidade de governar. Não poderemos permitir que a burguesia diga que é bom ou ruim para nós ou qual é o critério administrativo. Estamos cometendo um equívoco do ponto de vista administrativo: acho que não estamos mudando a máquina, mas sendo administrados por ela. Não somos nós que estamos dando a tônica para a máquina, mas ela que nos está dando a tônica. Temos de inverter isso urgentemente se quisermos voltar a ter a credibilidade que sempre tivemos junto ao povo. As pesquisas refletem também o fato de que até agora não existiu campanha em São Paulo. As únicas atividades que fizemos em São Paulo foi o lançamento da frente em São Bernardo do Campo e o ato dos sindicalistas no Anhembi. Fizemos também um lançamento em Campinas, em Piracicaba e em Americana. Agora é que vamos colocar a militância

na rua. E quando isso ocorrer, vamos virar o quadro.

A Classe — A propósito, qual o papel da mobilização das massas na reversão desse quadro? E quais os próximos passos da campanha?

Lula — Isso já foi motivo de conversa minha com os companheiros do PCdoB e do PSB. Neste instante, nós não temos de ficar choramingando pelo pouco espaço que temos nos meios de comunicação, nem com a falta de dinheiro para fazer out-door, porque temos uma coisa rica que os outros não têm que é esse contingente enorme de militantes que levantam às 3 horas da manhã e vão dormir meia-noite ou uma hora da manhã, que não cobram nada, que gastam a própria gasolina, o próprio lanche, ou seja, que não pedem ao Partido, mas dão ao Partido. Acho também que precisamos parar de fazer debates fechados, quando houver algum devemos mandar outros quadros, porque os candidatos e as principais lideranças dos partidos da frente têm que estar nas ruas. A estratégia agora é fazer uma política de enfrentamento nas ruas, ocu-

Aginaldo Zondenoni



par todos os espaços possíveis. Nossos partidos têm capacidade de mobilizar o povo, por isso é fundamental a nossa militância compreender que ela é a coisa mais importante que temos em nossa campanha. Então, o militante não pode ficar encruado, não existe mais tempo para vacilações. O tempo agora é contra nós. Então, os companheiros do PCdoB, do PT, do PSB e do PV não podem mais ter melindres. Se houve brigas foi há seis meses ou um ano atrás... Eu disse numa reunião do Diretório do PT — "Vamos nos dar uma trégua!" E vamos para as ruas juntos. É isso que a nossa militância tem de fazer. Eu faço política há pelo menos 20 anos e não conheço oportunidade como esta, em que a militância de esquerda vai poder ir para a porta da fábrica discutir um projeto para o país. Não um projeto de reajuste salarial como estamos habituados, não é 5% a mais de salário ou um dia a mais de férias. Não! É um projeto de so-

cidade, um projeto para o país. Ou seja, é a nossa militância adquirir o direito de ir para a porta da fábrica discutir temas como inflação, reforma agrária etc. É isso que dá dimensão e grandeza à militância e que faz com que ela possa ser chamada de vanguarda. Ou nós assumimos isso, ou vai passar o dia 15 de novembro e nós vamos ficar choramingando porque mais uma vez um cara de direita foi eleito. Eu tenho dito aos companheiros: "Temos de ser desafiados." Este país está numa situação de degradação humana tão grande que nós não podemos ser bonzinhos. Em cada lugar que houver cinco pessoas juntas é preciso ter alguém fazendo um discurso, discutindo, explicando, esclarecendo as pessoas. É o que temos de fazer se quisermos ganhar as eleições.

A Classe — O que diferencia a sua candidatura das demais?

Lula — A coisa mais difícil para um militante de esquerda é a tarefa da conscientização, é dar consciência política à grande massa. Quando o velho Marx dizia — Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos! — podia se ter a impressão de que era uma coisa fácil porque os problemas são tão iguais que muitos militantes acham que num passe de mágica os trabalhadores vão se unir. Quando a gente começa a militar na esquerda começa a constatar que entre a necessidade objetiva da unidade e a prática há uma distância enorme porque normalmente as esquerdas não têm condições, não têm meios de comunicação para conversar com o povo, enquanto que a direita dispõe nas 24 horas do dia, de todos os instrumentos — teatro, cinema, jornais, televisão — para vender a ideologia das classes dominantes. E nós, às vezes, só temos um panfleto, um sindicato, um boletim. Somente um Silvio Santos, por exemplo, fala mais com o povo em um dia do que nós em um ano. Então, essa campanha tem um coisa fantástica que é o fato dela permitir pela primeira vez que as esquerdas ocupem, durante 60 dias, 10 minutos, na televisão, sem censura, para que possamos dizer aquilo que é necessário dizer a fim de politizar o povo. E aí vamos ter de demonstrar a nossa capacidade de persuasão. E vamos ter de demonstrar claramente a diferença da nossa campanha em relação às outras, tentando fazer um chamamento à classe trabalhadora e mostrar que pela primeira vez ela tem a oportunidade histórica de mudar a cara deste país, pela primeira vez tem a possibilidade de votar num conjunto de partidos políticos que vão lutar juntos e dos quais o povo não sofreu e que tem um candidato saído de uma fábrica. E vamos ter que dizer qual a nossa diferença em relação aos demais can-

didatos. Fazer o povo descobrir o que é que é Ulysses Guimarães, com que grupo econômico ele está comprometido, qual é o projeto de sociedade que ele tem; vamos tentar mostrar qual o tipo de projeto de sociedade do Brizola, quais são as suas propostas; revelar a mentira que o Collor representa. E vamos provar que apenas a Frente Brasil Popular é capaz de assumir compromissos como o da suspensão da dívida externa, reforma agrária, compromissos para pôr fim à ciranda financeira, ou seja, fazer as coisas que são importantes para a sociedade. Enfim, vamos mostrar que só os trabalhadores são capazes de fazer isso. Eu tenho usado um ditado popular para fazer o povo compreender isso: "Não podemos colocar uma raposa para tomar conta do galinheiro." Isso se nós quisermos realmente mudança, porque normalmente o povo quer votar em alguém que faça alguma coisa por ele, mas normalmente vota em candidatos que pensam o contrário. É por isso que no Congresso Nacional as esquerdas não têm mais que 50 deputados. É por isso que na legislatura de 1982 a 1986 tínhamos apenas dois operários deputados no Congresso Nacional, que eram Aurélio Peres e Djalma Bom, entre 479 parlamentares. Então vamos ter que perguntar à classe trabalhadora: como é que ela quer mudança se na hora de votar, por falta de informação, ela vota na burguesia? Eu acho que a nossa campanha é a única que pode virar este país de ponta-cabeça do ponto de vista administrativo, do ponto de vista das prioridades, do ponto de vista da moralização administrativa. O que é que o Maluf pode prometer? E o Mário Covas? Ele está tentando reeditar hoje a Aliança Democrática de 1984. O Brizola tenta todo dia agradar a classe empresarial e mostrar que é um candidato muito aberto. Do Ulysses Guimarães não precisa nem falar e o Collor procura passar a idéia falsa de que não é político. É preciso explicar para o povo que quando o Lula, em 1979, tinha nojo de político, o Collor já era prefeito biônico em Macaé, recebendo esse cargo dos militares. Então, além da origem do candidato, a nossa diferença em relação às demais candidaturas é a composição partidária da Frente Brasil Popular. Estrategicamente, nós acertamos em fazer a frente, estamos vivendo um momento histórico importante em nosso país, vamos poder provar que a esquerda está com competência para ganhar, para administrar e realizar um grande programa de governo. Essa diferença entre nós e os outros candidatos é o que vai, na verdade, politizar o debate, porque nós vamos ter que mostrar as contradições entre as candidaturas e as propostas políticas. Depois de 30

anos sem votar para presidente, depois da lição que a Constituinte deu para a sociedade brasileira, que viu as contradições do PMDB, poderemos tranquilamente tirar proveito da situação e ganhar as eleições.

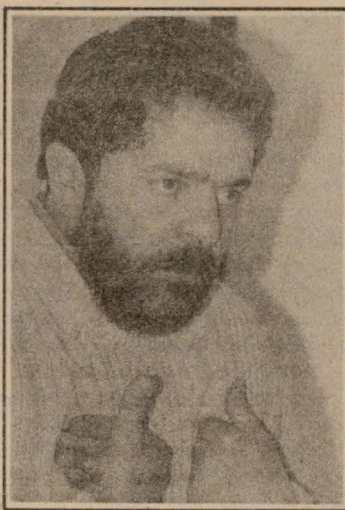
A Classe — Está nos seus planos e nos da Frente Brasil Popular fazer esforços para conseguir uma ampliação ainda maior da aliança?

Lula — Penso que nas direções dos partidos que compõem a frente há disposição para ampliar o leque da aliança. Logicamente que nós temos interesse em trazer para nosso lado pessoas da esquerda do PSDB, da esquerda do PMDB, que estão descontentes etc. Devemos ampliar nossa candidatura também com a adesão de segmentos não ligados a partidos políticos como, por exemplo, médios e pequenos produtores agrícolas, pessoas que têm afinidade de pensamento com as esquerdas e que tranquilamente poderiam trabalhar ao nosso lado. Este é um outro aspecto da campanha. Enquanto os candidatos estiverem nas ruas, uma parte dos dirigentes dos partidos que compõem a frente deve estar negociando o apoio de outros setores.

A Classe — Quais os pontos centrais do programa da Frente?

Lula — Bom, temos o programa de 13 pontos. Mas algumas questões merecem de fato ser destacadas. A primeira delas, é inegavelmente a suspensão do pagamento da dívida externa. Temos de popularizar o tema da dívida externa, de transformar cada trabalhador brasileiro num conhecedor profundo dos prejuízos que a dívida externa causa ao país, da sangria que provoca diariamente. Como vamos fazer isso? Mostrando quantas casas daria para construir se não pagássemos a dívida externa, quantos hospitais, quantos empregos poderíamos gerar, quantos salários mínimos poderíamos pagar, para que o povo compreenda bem. Outra questão é a reforma agrária. É necessário priorizar a discussão a respeito de uma política agrícola para tirar o medo das pessoas que têm pequenas propriedades e pensar que a reforma agrária vai atingir essas propriedades. É preciso deixar claro que nossa política econômica privilegiará também o pequeno e o médio produtor agrícola, com política de incentivos fiscais, de garantia de preços, de escoamento da produção. Ao mesmo tempo, implementaremos uma política de reforma agrária. E vamos também dizer claramente ao povo que a nossa reforma agrária não consistirá em tirar o cidadão de São Paulo e mandá-lo para Santarém. É tentar, em São Paulo mesmo, encontrar a terra para o camponês de São Paulo. O mesmo

"Precisamos ampliar o leque da aliança"



Aguinaldo Zondenoni

em cada Estado. Outro ponto importante é uma política de distribuição de rendas. É preciso também controlar a inflação e para tanto será necessário controlar a dívida pública e moralizar o déficit público. O governo não pode gastar mais do que deve gastar e quando isso ocorrer tem que ser um gasto prioritariamente voltado para coisas que gerem distribuição de renda, coisas que possam imediatamente significar melhoria da qualidade de vida do povo. E ao mesmo tempo gerar empregos. É preciso, ainda, dar toda a atenção à política de educação. Hoje, no Brasil, há de 30 a 32 milhões de analfabetos. Temos praticamente 8,5 milhões de crianças em idade escolar sem escola para estudar. E as escolas públicas estão praticamente deterioradas, seja do ponto de vista da qualidade da escola, seja da qualidade do ensino, seja do salário que se paga ao professor e das condições de trabalho. Então, é uma tarefa revolucionária mexer na educação, porque é necessário alfabetizar 32 milhões de pessoas, dar escola para mais de 8 milhões de crianças e melhorar o atual nível de ensino. E isso implica também melhorar a remuneração dos professores. No primeiro momento, nós teremos de, no mínimo, dobrar o orçamento da educação para, num projeto, de 5 anos, tentar resolver se não

Aguinaldo Zondenoni



totalmente, pelo menos 80% dos problemas dessa área. Merece também enorme destaque promover uma profunda reforma no setor da saúde, dando a mesma prioridade que daremos à educação. Isso significa evitar que o dinheiro do poder público saia, em nome da educação e em nome da saúde, para a iniciativa privada. Cada cruzado deverá ser investido efetivamente no ensino público e na saúde pública. E aí entra um tema muito importante que deveremos priorizar: a direita está dizendo que vai privatizar as estatais, apontando isso como a solução para o Brasil. Na verdade, o que eles estão querendo dizer claramente é que vão entregar as empresas estatais à iniciativa privada ou para resolver os problemas de crédito interno ou os problemas da dívida externa. E nós devemos dizer claramente que não vamos privatizar as empresas estatais. O que nós queremos é desprivatizar o Estado. Porque eu diria que grande parte dos recursos que o Estado recebe hoje favorece a iniciativa privada, que a construção de grandes hidrelétricas tem a finalidade de distribuir dinheiro para as grandes empreiteiras, de produzir energia elétrica sem se preocupar com o pequeno consumidor, mas com a grande indústria etc. Podemos citar ainda projetos como o Pró-álcool que levou 6 bilhões de dólares e hoje está falido, com prejuízos para o povo. Outro exemplo é que o Estado gasta hoje dinheiro para financiar a assistência médica privada. Então, nós vamos acabar com isso. O que é necessário fazer com as estatais é democratizá-las, permitindo que haja por parte da sociedade civil a possibilidade de controlá-las, através de conselhos consultivos com representantes do movimento sindical e do poder Legislativo, para que possamos administrar com o povo essas empresas estatais e torná-las empresas rentáveis e competitivas.

A Classe — E quanto à questão ambiental da Amazônia?

Lula — É necessária uma política rígida com relação ao meio ambiente. A poluição começa nas fábricas, nos grandes centros urbanos, nos escapamentos dos carros, nos esgotos a céu aberto das favelas. Vamos ter que começar a tratar a questão ambiental por aí. Quanto à Amazônia achamos que qualquer projeto de desenvolvimento da região só poderá ser posto em prática com um profundo estudo feito por especialistas. E nós devemos dizer que não queremos desenvolver a região, não queremos que ela se transforme numa coisa tombada. É necessário desenvolver a Amazônia compatibilizando desenvolvi-

mento com preservação do meio ambiente. E isto é plenamente possível. Basta que o governo tenha esse compromisso.

A Classe — Todas essas propostas que você coloca, principalmente a suspensão do pagamento da dívida, esbarram em interesses poderosos, particularmente dos banqueiros internacionais, que têm feito violenta pressão pelo pagamento da dívida, não só dos juros, mas também do principal. Como candidato você tem sofrido pressão das classes dominantes no sentido de relegar essas propostas a segundo plano e adotar outras propostas mais amenas como a direita diz hoje, mais compatíveis com a "modernidade"?

Lula — Eu tenho ido a debates com empresários e tenho dito a eles o que disse a vocês aqui e tenho sido um candidato respeitado em todos esses debates, embora não tenha ganho o voto dos empresários. E muitos empresários sabem, evidentemente que preocupados com seus lucros e não com a situação do país, que o Brasil não pode continuar essa ciranda financeira alucinante, que o Brasil não pode continuar com a sangria da dívida externa. O engraçado é que o próprio mundo desenvolvido começa a se preocupar com a dívida externa brasileira. E por quê? Não é porque tem dó do Brasil, mas é porque é como se este país fosse a "galinha dos ovos de ouro". Começam tirando um ovo, depois tiraram mais e agora estão vendendo o risco de a galinha morrer. E aí acabam os ovos. Então, o que eles estão querendo agora é dar um tempo para essa galinha se recuperar. E eu tenho discutido isso com muita franqueza com os empresários e dito que não adianta dizer que este país vai se desenvolver se não resolvermos, primeiro, a questão da dívida externa, segundo, se não se resolver o problema da sonegação fiscal, terceiro, se não se distribuir renda. Estima-se que atualmente no Brasil a sonegação fiscal ultrapassa a cifra de 30 bilhões de dólares por ano. E quem sonega não é o trabalhador, de quem descontam impostos na fonte. Quem sonega são os empresários. Ora, é preciso ter uma legislação para receber esse dinheiro, porque 30 bilhões de dólares que deixam de entrar como imposto é dinheiro que não entra para construir escolas, hospitais, áreas de lazer, para investir em pesquisas nas universidades. Praticamente, todo o setor de pesquisas das universidades brasileiras está parado. Eu visito a Fundação de Pesquisas da Amazônia. O peixe-boi está sendo tratado com o dinheiro dos próprios pesquisadores, porque o Estado não dá verbas.

"A frente tem sentido estratégico"

Então, é esse absurdo. Eu não vou entrar nessa conversa de amenizar só porque Gorbachev está abrindo a União Soviética. Ora, não se pode usar a abertura de Gorbachev para dizer que o socialismo não deu certo.

O dado concreto é que no Brasil o valor da mão-de-obra é dez vezes menor que na Europa. Enquanto um ferramenteiro na Europa ganha 18 dólares por hora, no Brasil ganha 2 dólares por hora. É isto o que queremos resolver neste instante. E os empresários sabem que nessa coisa eu sou muito duro. Ninguém vai resolver os problemas deste país se não tivermos coragem de dizer publicamente que os empresários brasileiros precisam ganhar menos para que se possa distribuir mais rendas. Se não, o povo vai morrer de fome mais do que já está. Como o Brasil vai crescer e se desenvolver? De onde tirar dinheiro para investir se não for através da distribuição de renda? Então, desde o primeiro debate que fiz com os empresários no Rio Grande do Sul até o debate que fiz no Rio de Janeiro, na Alemanha e nos Estados Unidos, eu estou com a minha consciência tranqüila, pois eu disse aos empresários aquilo que estou dizendo para a peãozada nas portas de fábricas: não existe nenhuma possibilidade de elevar o nível de vida da classe trabalhadora se não diminuir a margem de lucro dos empresários. A não ser que prometemos ao povo produzir moeda e distribuir. Como eu acho que não existe milagre em política econômica, eu não vou ficar dizendo que vou privatizar as estatais, e que é isso que vai resolver tudo. Enfim, temos de assumir a postura de dizer ao trabalhador que o que está errado é o modelo, é o sistema.

A Classe — Você já falou sobre o papel que a Frente Brasil Popular pode ter nessas eleições e da potencialidade dela. Nós gostaríamos que você falasse também da perspectiva histórica da Frente, ou seja, como ela pode evoluir no sentido de um projeto a longo prazo, para encontrar soluções de fundo para os problemas do país?

Lula — Eu, sinceramente, não quero precipitar nenhum acontecimento nem fazer previsões para o futuro. Às vezes cada um de nós se tranca em seu mundo e é difícil sair para o mundo exterior. Nós estamos num processo de aprendizado muito grande. Eu estou aprendendo, o João Amazonas está aprendendo, outros companheiros estão aprendendo. Antes de ver as perspectivas para o futuro precisamos consolidar o processo presente. Nós vamos ter problemas na campanha, depois da campanha,

mas vamos ter outras campanhas no ano que vem, vamos ter importantes eleições no movimento sindical. Por isso, precisamos estar preparados para esses embates. Se depender da minha vontade, a aliança da esquerda para um projeto estratégico, pensando para daqui a alguns anos, será consolidada. Eu pelo menos vou contribuir para isso. Esta experiência está sendo rica. E digo mais. Eu tenho tentado ponderar aqui no PT que esta aliança está sendo uma das grandes lições de convivência democrática da nossa militância de base porque nós estamos aprendendo a trabalhar juntos, embora aprendendo a enfrentar inimigos juntos, a resolver nossas divergências democraticamente. Ou seja, ninguém está pedindo a ninguém para ser subalterno à idéia do outro. O que nós estamos tentando nos ensinar é que existem coisas mais graves contra nós do que nós mesmos. Então eu sonho que nós vamos andar juntos muito tempo.

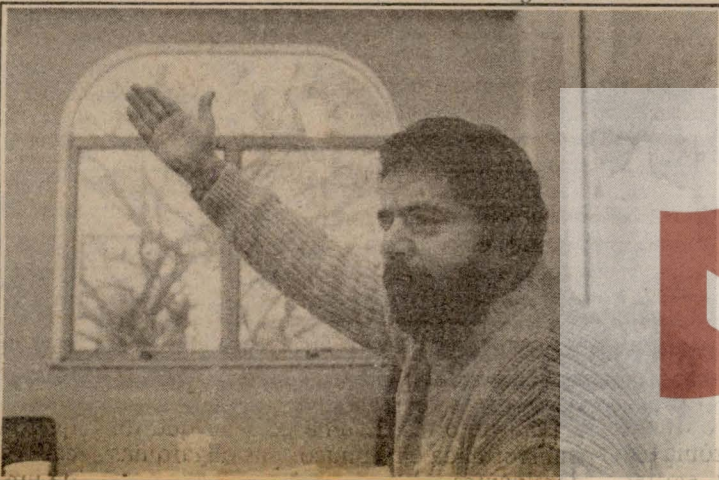
Acho que temos de ter um projeto estratégico para as esquerdas. Eu sou novo ainda e quero contribuir para que a gente formule isso. Por isso o aprendizado e o amadurecimento estão sendo importantes. O último encontro do PCdoB (Convenção Nacional realizada dia 8 de Julho no Anhembi-SP) demonstrou isso. Imaginem se há dois anos seria possível ver o João Amazonas ser aplaudido num encontro do PT e o PT participar de um encontro do PCdoB. Ninguém imaginava isso! Hoje, o que é que a gente percebe? O João Amazonas vai a um encontro do PT e é tratado com o maior respeito e nós vamos a um encontro do PCdoB e recebemos o mesmo tratamento. A nossa militância começa a perceber que embora haja visões diferentes acerca de determinadas coisas, estamos no mesmo barco, no meio de um oceano, e se a gente não souber remar juntos o barco afunda! E se afundar, morreremos todos! Isso é uma das coisas importantes que a nossa militância descobriu. Eu estou convencido disso, de que vamos trabalhar isso direitinho. Penso que a eleição da

Luiza Erundina aqui em São Paulo foi uma demonstração disso e essa aliança nacional é mais importante ainda.

A Classe — Pela primeira vez na história temos um candidato operário com chances de conquistar a Presidência da República. Como isso está repercutindo em você e como você sente a repercussão disso na sociedade e particularmente sobre a classe operária?

Lula — Nós temos duas coisas importantes no meio da classe operária. Primeiro, temos um setor médio da classe operária, o pessoal que ganha de três a dez salários mínimos, de categorias importantes como os metalúrgicos ou os químicos, onde temos uma penetração extraordinária: 70% desses operários compreendem perfeitamente a importância política da candidatura. E temos uma outra faixa de trabalhadores não politizados que, por falta de consciência de classe, acham que um operário não tem condições de ser candidato, não está preparado, não tem diploma universitário. Isto é um preconceito das classes dominantes vendido há muitos anos. Nós vamos ter de desfazer isso. E vamos ter de utilizar os meios de comunicação, principalmente a televisão, para tentar fazer da nossa campanha um instrumento que leva a classe trabalhadora a raciocinar em termos de classe. Então, eu peço que vai ser a experiência mais fantástica que a classe trabalhadora irá viver nos últimos tempos, os debates vão ser debates que vão se acirrar, em que cada um de nós vai ter de reafirmar os compromissos que temos. Vamos ter de assumir claramente uma postura de uma candidatura classista. Isso é irreversível. Pela primeira vez vamos despertar na classe trabalhadora a possibilidade de ela se enxergar chegando lá. Obviamente não estamos sozinhos. Esse despertar não vai ocorrer como um passe de mágica porque esses preconceitos são milenares. O trabalhador foi doutrinado para se achar um coitadinho e como tal só se sentir como um subalterno. Eu estou muito

Aguinaldo Zondenoni



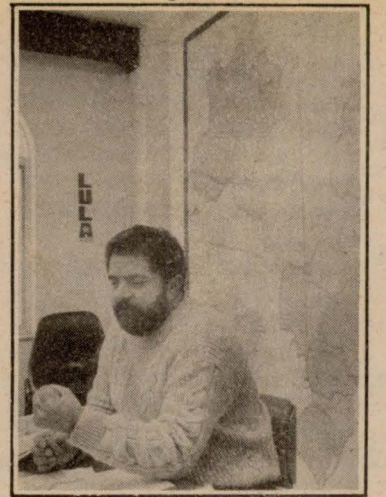
otimista com relação à possibilidade de reverter isso.

A Classe — Você, que trabalhou muito tempo dentro das fábricas, que conviveu lá, como vê a questão da liberdade nas fábricas?

Lula — Ainda não chegou. A verdade é que a liberdade, tão bem escrita na Constituição, não chegou às fábricas. Dentro das fábricas, para se ter o mínimo de liberdade, é preciso que se tenha a possibilidade de ter comissão de fábrica, de ter sindicatos atuantes, é preciso se ter um conjunto muito grande de trabalhadores com consciência de classe. Vejam agora a última denúncia sobre a "De Millus" no Rio de Janeiro, uma empresa que obriga as mulheres a tirarem a roupa para serem revistadas e ainda se estiverem menstruadas são obrigadas a mostrar a ponta do modess, né? É um processo de escravidão jamais imaginado num país desenvolvido como o Brasil e num Estado desenvolvido como o Rio de Janeiro. Então eu acho que a liberdade na fábrica ainda não chegou. Ainda falta muito para a classe trabalhadora conquistar um regime democrático nas fábricas. Os esquemas de uma fábrica são esquemas muito autoritários que levam a classe trabalhadora a ficar submetida. Mesmo aqui em São Paulo, em São Bernardo do Campo, embora a Constituição diga que a liberdade de organização está garantida.

A Classe — Nós queríamos que você aprofundasse mais a questão da relação entre os partidos da Frente Brasil Popular, particularmente entre o PCdoB e o PT. Na Convenção do PCdoB, por exemplo, João Amazonas declarou que tudo o que você falou era uma coisa sincera que vinha do coração e disse que no processo de convivência entre os partidos da Frente os preconceitos mútuos estão sendo vencidos. Ele se referiu a preconceitos que existem em relação aos comunistas e a preconceitos que havia e ainda há entre os comunistas em relação aos companheiros do PT. E fez uma declaração a que sejam superados. Em suma, gostaríamos que você falasse mais a respeito da evolução do relacionamento entre os partidos da frente e em particular entre o PT e o PCdoB, que têm indiscutivelmente, como você já disse, em outras entrevistas, um enraizamento muito grande no movimento operário e popular brasileiro.

Lula — Eu acho que esses encontros entre nossos partidos têm permitido a todos nós, desde a campanha da Luiza Erundina, um grau de aperfeiçoamento de convivência que eu considero muito grande, se compararmos com o que ocorreria há dois anos. Os nossos partidos são partidos de militância muito jovem. É difícil fazer qualquer unidade quando



qualquer força política tenta ser hegemônica, quando se auto-intitula dona absoluta da verdade, ou seja, quem é mais comunista, quem é menos comunista. Isto está acabando entre nós. Primeiro, estamos percebendo que o Brasil é um país de cerca de 150 milhões de habitantes e que tem espaço para todos nós sobrevivermos politicamente e fazermos campanha. Segundo, nós temos os mesmos adversários. Ou seja, quando apanhamos nas portas de fábricas, apanhamos PT e PCdoB juntos, quando apanhamos num Congresso de um sindicato pelego e no de Luiz Antônio Medeiros, apanhamos juntos. Então, isso é motivo de sobra para nos ensinar o quê? Ora, temos que saber vencer os nossos adversários para depois tirar nossas diferenças. Muitas vezes no debate ideológico isso é possível, é comum, por que não pode ser no Brasil? Eu vou dar um exemplo. Nós vamos ter eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo em junho do ano que vem. Eu penso que não devemos cometer mais a burrice de fazer três chapas como fizemos em 1981 e duas chapas como fizemos nas últimas eleições. Podemos fazer chapa única dos setores progressistas da categoria, ganhar esse sindicato e a partir daí tirar nossas diferenças no debate, com amadurecimento, sem tripudiar uns sobre os outros. Isso é que está sendo importante. Como temos muitos militantes jovens, eu vi na Convenção do PCdoB centenas de meninos, quanto mais possamos politizar a cabeça desse pessoal, mais vamos ter quadros políticos para o dia que este país for um outro país. Esse amadurecimento é de todos os lados, nada melhor do que a rua para nos ensinar. Eu tenho ido a comícios em diversos Estados com companheiros de diversas tendências políticas, e essa convivência vai se aperfeiçoar. Vamos terminar essa campanha com muito mais entrosamento, como efetivamente partidos irmãos, ou seja, passando a identidade de cada um, cada um sabendo que não é o outro. Se colocarmos isso na nossa cabeça, daremos passos enormes para um relacionamento ainda melhor.